

DESAPROPRIANDO O CURRÍCULO: ARTE, PRÁTICA EDUCATIVA E EXPERIÊNCIA VIVIDA

Maurício REMÍGIO
mauricio.remigio08@gmail.com
Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás

Raimundo MARTINS
raimundomartins2005@yahoo.es
Faculdade de Artes Visuais – Universidade Federal de Goiás

Palavras-chave: pesquisa qualitativa, experiência vivida, prática educativa, anarcopunk

Introdução

Esse texto é um relato sobre o processo de investigação em andamento o qual apresenta aspectos dos caminhos metodológicos percorridos numa pesquisa que busca compreender como experiências vividas fora do espaço escolar podem se imbricar na escola por meio da prática educativa. A coleta de dados deu-se através de um grupo focal realizado com cinco meninos e cinco meninas do ensino fundamental de uma escola pública na cidade de Macapá. Como ponto de partida reflito sobre a relação aprendizagem/conhecimento como prática local que pressupõe considerar ações e significados do cotidiano. Esse estudo examina significados de mundo constituídos durante minhas experiências, especificamente junto ao movimento anarcopunk, as quais têm inspirado minhas práticas educativas em arte.

Cotidiano e pesquisa qualitativa

Entendo ao escolher a pesquisa qualitativa como caminho interpretativo, que, para relacionar às promessas, necessidades e esperanças de indivíduos em uma sociedade/escola democrática livre, é importante visualizar as fronteiras entre pesquisador e pesquisado, ou, entre professores e alunos, como referências provisórias, móveis, flexíveis, sempre dependentes do contexto e das circunstâncias em que se realiza a investigação, principalmente quando o foco da pesquisa está

orientado para a construção de diálogos entre conhecimento cotidiano e prática docente. Denzin e Lincoln (2006), ao discutir as implicações dessas questões na pesquisa qualitativa – cotidiano, fronteiras, contexto – explicam que,

Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam na investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação (p. 23).

Nesse sentido, a investigação qualitativa constitui-se, principalmente, como um conjunto de práticas que buscam estabelecer diálogos entre os sujeitos envolvidos numa “tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.19). Apresenta-se, também, como um campo orientado à interpretação e como uma atividade que “localiza o observador no mundo” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.17).

Desse modo, a coleta de dados pode ser compreendida como uma prática que busca captar na dinâmica dos cenários naturais uma visibilidade do mundo social e, a partir dessa dinâmica e apoiada nessa visibilidade, descreve “momentos e significados rotineiros e problemáticos da vida dos indivíduos” (DENZIN e LINCOLN, 2006, p.17). Como cenário natural, entendemos os lugares onde as experiências do cotidiano se desenvolvem, espaços onde as relações e dinâmicas do cotidiano ganham sentido, significado e valor. Denzin e Lincoln (2006) caracterizam e descrevem com clareza esses cenários detalhando que

[...] a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para o mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (p.17)

Fundamentados nesses princípios organizamos a coleta de dados através de grupos focais realizados com alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Roraima, na cidade de Macapá – AP. A partir de convites e mediante a autorização dos pais/responsáveis, participaram como colaboradores desse estudo dez estudantes da sétima série do turno da manhã, cinco meninos e cinco meninas, na faixa etária de 12 a 14 anos.

Incômodos e indagações que movem a pesquisa

Perceber a aspereza e as contradições do currículo, aliadas às exigências constantes das instituições escolares no sentido de preservá-lo, tem gerado incômodos e impulsionado embates que, aos poucos, podem sinalizar a possibilidade de negociação em meio a essas relações de poder. Esses embates surgem do entendimento de que “o currículo não é um elemento inocente e neutro de transmissão desinteressada de conhecimento social” (MOREIRA e SILVA, 2005, p. 8), e, conseqüentemente, torna inevitável que a escola passe a ser vista como um “território de luta” (GIROUX e SIMON, 2005).

Minha curiosidade e interesse pelo tema se intensificam à medida que vou me dando conta de que a escola não é mais o único ou, talvez, o lugar privilegiado para construção de conhecimento. Hoje, estamos enredados por complexas e múltiplas dimensões de nossas vidas das quais (...) “fazem parte os diferentes conhecimentos, práticas, experiências, percepções, inserções que nos constituem” (OLIVEIRA e SGARBI, 2008, p. 74).

No momento em que busco dar sentido às minhas ações em sala de aula, memórias e perguntas referentes à minha trajetória fora da escola se tornam constantes. Tais perguntas tem gerado questionamentos relacionados às experiências vividas durante minha participação no movimento anarcopunk. Começo me perguntando: que relações posso fazer entre prática educativa em arte e significados de mundo constituídos durante minhas vivências no movimento anarcopunk?

Passei a integrar o movimento anarcopunk no fim dos anos 1980, momento em que esse movimento começava a se organizar no Brasil. As práticas desenvolvidas pelos anarcopunks, são situadas por Oliveira (2008), no que diz respeito a formação dos integrantes desses grupos, na esfera das pedagogias libertáriasⁱ e, principalmente, no âmbito da pedagogia libertadora de Paulo Freire. Imbuídos deste ideal, os jovens engajados no movimento anarcopunk começaram a criar ambientes educativos coletivos, não hierarquizados, informais, cujo objetivo era discutir questões do cotidiano a partir de um enfoque anarquista.

De acordo com Tourinho (2008), é “no jogo entre memória e invenção que organizamos, reconstruímos e qualificamos nossas experiências” (p. 73). Nesse sentido, também encontro apoio nas reflexões de Goodson (2007), quando alerta que a “origem sociocultural é um ingrediente importante na dinâmica da prática profissional” (p. 72). Ainda referindo-se às pesquisas sobre vida de professores, Goodson destaca a importância do “estilo de vida do professor dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas [como aspectos que] têm impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa” (p. 72).

Essas considerações tensionam a busca pela construção de espaços significativos nas práticas educativas e incitam possibilidades de construir e favorecer a produção de sentidos na vida profissional com os sujeitos envolvidos nos processos de aprendizagens. Essas reflexões norteiam e impulsionam meu desejo de investigar entrecruzamentos entre significados de mundo constituídos fora da escola e a prática educativa que desenvolvo como professor.

Assim, me pergunto: como experiências vividas por professores e alunos, fora da escola, podem se imbricar na prática escolar? Que sentido têm tais vivências para o cotidiano escolar? Como se localiza e intersecciona a prática educativa através dos estudos da cultura visual?

Sem querer concluir...

Podemos dizer que a pesquisa qualitativa, aliada ao desejo de explorar outras possibilidades de interação com o mundo, com os indivíduos, com a escola e com outros modos de aprender, pode propiciar oportunidade para incrementar diálogos entre saber científico e cotidiano como um meio de (re)construir significados, ampliar olhares e, sobretudo, refletir sobre posições de sujeito.

Nesse sentido o diálogo entre saber científico e cotidiano pode nos ajudar a pensar a escola como lugar que não deve estar separado da vida ao entendemos que a escola atual nem sempre demonstra sensibilidade a tal pensamento, daí a importância de (re)pensar práticas educativas e construir posicionamentos críticos que abram, para alunos e professores, possibilidades de mediar, interagir e intervir em discussões sobre

arte, imagem, aprendizagem, cotidiano, escola e currículo de modo que possamos encurtar as distâncias entre escola e vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna S (Eds.). Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman e LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

GIROUX, Henry e SIMON, Roger. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: a vida cotidiana como base para o conhecimento curricular. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. Tradução de Maria Aparecida Baptista, 8ª . Ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 93-124.

GOODSON, Ivor F. Goodson. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, Antonio (Org.). **Vidas de professores**. 2ª ed. Porto: Porto Editora, 2000. p. 63-78.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu. Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução. In: MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs.). **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2005, p.7-37.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de e SGARBI, Paulo. **Estudos do cotidiano & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

OLIVEIRA, Vantiê C. Carvalho de. **O movimento anarco-punk: a identidade e a autonomia nas produções e nas vivências de uma tribo urbana juvenil**. Natal: Editor Vantiê Clínio Carvalho de Oliveira, 2008.

TOURINHO, Irene. Ouvindo escolhas de alunos: nas aulas de artes eu quero aprender... In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e Educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008.
